

De cabeça baixa, Saturnino derramava grossas lágrimas.

Lágrimas de conforto, de apaziguamento e alegria...

Na manhã seguinte, mostrando no rosto amorável sorriso, compareceu, pontual, ao serviço.

E porque o fiscal do relógio lhe estranhasse o procedimento, quando o médico o licenciara por trinta dias, respondeu simplesmente:

— O senhor está enganado. Não estou doente. Fui apenas acidentado e posso servir para alguma coisa.

E caminhando, fábrica a dentro, falou alto, como se todos devessem ouvi-lo:

— Graças a Deus!



A fala de cada um

Logo após o início da sessão, Cacique de Barros, distinto bahiano que foi valoroso missionário dos princípios espíritas no Rio Grande do Sul, falava, despretensioso, quanto à necessidade de se coibirem as mistificações nos fenômenos mediúnicos.

Recomendava o estudo constante. Enca-recia a meditação.

Era preciso tudo fiscalizar, pelo crivo da análise.

A palavra dele conquistava simpatia crescente...

Como, porém, solucionar o problema?

O círculo de confrades entrou em oração, e ele rogou parecer ao mentor da casa.

Através do médium, o Amigo Espiritual compareceu bem humorado e, depois de saudação fraterna, falou conciso:

— Meus irmãos, há uma lenda hindu que nos esclarece. Um homem necessitado era dono de um burro que lhe prestava grandes


serviços. Mas, porque não tivesse recursos, enfraqueceu-se o animal por falta de forragem. Passeando, porém, a distância de casa, o homem achou um tigre morto. E teve uma ideia. Cobriria o humilde cooperador com a pele do tigre e soltá-lo-ia cada noite nas terras dos fazendeiros vizinhos. Visto disfarçado em tigre, o burrico seria respeitado, e assim aconteceu. O muar fartava-se de cevada e, manhãzinha, era recolhido pelo dono à pequena estrebaria. O burro, nesse regime, fêz-se nédio, contente da vida. Mas, surgiu uma noite em que jumentas vararam a paisagem, zurrando, zurrando... E o burro, acordado nas afinidades do instinto, zurrou e zurrou também... Os fazendeiros, com isso, descobriram a farsa e mataram-no a cacetadas, rasgando-lhe toda a pele...

O orientador fêz uma pausa e continuou:

— Nome, forma, gesto, fama e autoridade são aspectos na pessoa, sem serem, de modo algum, a pessoa em si.

Em seguida, concluiu:

— Se vocês quiserem realmente conhecer benfeitores e malfeitores, sábios e ignorantes, são e doentes, encarnados e desencarnados, escutem, com atenção, a fala de cada um.



22

Suicida

I

Desde o momento em que sorvera a mistura venenosa, Marina sentia-se morrer, sem morrer.

Não queria viver mais. Via-se desprezada. Acariciara o sonho de esposar Jorge e criar-lhe os filhos. Dois anos de vã esperança.

O pai costumava dizer-lhe: "Cuidado com os rapazes de hoje, nem sempre têm bom caráter"; ela, porém, achava-o antiquado e exigente. A mãe, entretanto, sorria e deixava passar.

Além disso, como resistir? Jorge assobiava todas as noites. Começou pedindo-lhe livros.

— Estou em dificuldades com meu professor de latim — dissera.

E levava-lhe a gramática, voltando no